

UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO NO ENSINO SUPERIOR

Gleydson Rocha de Souza¹

RESUMO

Baseada no papel da universidade e tomando como base a metáfora do universo, na qual a mesma corresponde a uma variedade de sujeitos e saberes, essa pesquisa bibliográfica tem como objetivo mostrar a atuação psicopedagógica dentro desse espaço que é um lugar privilegiado de convivência e conciliação da diversidade e da resistência crítica, promovendo o acolher da pluralidade de perspectivas manifestas, dentro da sua própria definição etimológica de totalidade de universos que remete à convivência da heterogeneidade dos saberes. Com isso, buscou-se dar um olhar psicopedagógico deste universo, ressaltando o papel do pedagogo e do psicólogo frente às demandas existentes, principalmente na assistência acadêmica. Por sua vez, estes profissionais encontram-se trabalhando em conjunto com outros setores, departamentos e escolas de conhecimento, realizando atividades interventivas e atendimento aos docentes, discentes, diretores de cursos e toda comunidade acadêmica, trabalhando em conformidade com o Projeto Político e Pedagógico e com o Projeto Político Institucional, realizando atividades de seleção docente, capacitação de profissionais, elaboração de fóruns e oficinas. Ao final desse estudo pode-se observar a interdisciplinaridade dentre esses dois profissionais que, embora tenham suas especificidades, colaboram entre si para garantir um significativo apoio psicopedagógico dentro dessa esfera infinita que é a universidade.

Palavras-chave: Universidade. Pedagogia. Psicologia. Psicopedagogia.

Data de submissão: 11/03/2019

Data de aprovação: 29/03/2019

INTRODUÇÃO

Diante do papel das universidades frente à sociedade, onde em sua base estão os níveis de ensino, pesquisa e extensão, ressalta-se o seu comprometimento quanto a sua busca diante das inovações metodológicas exigidas perante uma sociedade contemporânea.

Nas universidades, centro da produção de conhecimento, encontram-se vários profissionais comprometidos com o processo de ensino e aprendizagem dos discentes. Além do docente, peça chave nesse processo, há uma gama de técnicos inseridos em departamentos, setores ou divisões de ensino.

¹ Coordenador do NEAD da Faculdade Metropolitana da Grande Recife: gleydsonrocha@hotmail.com

Ao falar no processo de ensino e aprendizagem, devem ser incluídos os Projetos Políticos e Pedagógicos como também os Projetos Políticos Institucionais, além dos Projetos Pedagógicos de cada curso de graduação. Estes documentos irão nortear a prática docente como também o caminho que a universidade, de uma forma planejada e organizada, irá tomar frente às demandas políticas, sociais e pedagógicas.

Perante isso, este artigo terá como tema o papel do pedagogo e do psicólogo frente às demandas da universidade no processo de ensino e aprendizagem, sob uma ótica psicopedagógica, inserida em diferentes contextos da própria universidade.

Assim, serão delimitadas, no discorrer desta prática, as possibilidades de atuações frente à assistência da comunidade acadêmica nos laboratórios, setores ou núcleos de apoio psicopedagógico.

Este artigo busca fazer um levantamento histórico levando até a contemporaneidade o papel do pedagogo e do psicólogo, discorrendo sobre um trabalho integrado entre esses profissionais em uma prática conjunta. Com isso, fez-se necessário discorrer primeiramente sobre a prática e o papel de cada um, em capítulos separados, de forma a percorrer um caminho no qual, ao final, há o encontro dessas duas práticas. Foram utilizadas como metodologia a pesquisa bibliográfica e a prática vivencial dos profissionais no dia-a-dia.

O UNIVERSO

Ao contemplarmos uma imagem do céu, observamos uma gama de estrelas, constelações, galáxias, planetas e percebemos que em uma imagem não cabe o infinito que constitui o universo. A partir dessa constatação podemos fazer uma analogia com o espaço que constitui a universidade.

A universidade corresponde a uma variedade de pessoas, pensamentos, sendo um amplo continente - um universo - da multiplicidade e variedade de conhecimentos. E nesse amplo continente estão alunos, professores, funcionários, atores vivos e individuais que constituem o coletivo espaço do saber. Assim como a escola, a universidade é uma instituição social, conforme Azeredo (2009):

Definir universidade é principiar por estabelecer o lugar privilegiado de convivência e conciliação da diversidade e da resistência crítica, pois a universidade, por um lado, promove e acolhe a multiplicidade de perspectivas manifestas desde a sua própria definição etimológica de totalidade de universos que remete à convivência da heterogeneidade dos saberes. (AZEREDO, 2009, p. 183).

Dentre essa multiplicidade observamos que, além de produtora de conhecimento, a universidade conserva valores e regenera saberes através da geração de novos conhecimentos, tendo como sua maior função a de humanizar o processo de ensino-aprendizagem que é vivo

nesse ambiente. Para Marcovitch (1998, p. 23), “a universidade tem ainda o papel de formar a cidadania. Cabe-lhe, e talvez seja essa a sua principal função, desenvolver a inquietude do ser social”. Assim sendo, a universidade também pode ser considerada como um lugar de resistência crítica, um espaço de movimentações sociais, e porque não dizer, de movimentação política.

Nessa perspectiva é possível observar a heterogeneidade e diferenças que constituem esse espaço. Alunos oriundos de diferentes lugares, diferentes também em raça, religião, crenças e culturas. São pessoas que, oriundas de uma mesma cidade ou região, diferem entre si em suas criações e valores. É nessa colcha de retalhos, constituída também por profissionais diversos, que encontramos a presença de dois atores que permearão o nosso estudo: o psicólogo e o pedagogo. Serão contempladas suas características singulares, suas atuações e implicações nesse universo rico de diversidade e vida. Conforme cita Azeredo (2009, p. 185), eles estão inseridos nesse “mundo social das normas e o mundo subjetivo das vivências que constituem diferença, simultaneamente, universal e singular”.

O PSICÓLOGO

Ao falar em psicologia muitas perguntas podem surgir, dentre elas: o que é psicologia? O que estuda a psicologia? O que ela faz? Quais os espaços onde a psicologia pode se inserir? Pesquisando o significado da palavra psicologia, na sua etimologia, observa-se que ela deriva de *psique* (alma) + *logos* (razão ou conhecimento).

A psicologia, como o estudo da alma humana, tem seu objeto variado ao longo do tempo e sua pré-história confunde-se, em muitos aspectos, com a própria história da filosofia. Neste sentido, os gregos começaram suas especulações achando que o ser humano tinha uma parte imaterial do corpo, de onde derivavam os processos psíquicos, no qual o cérebro era apenas o medianeiro dos mesmos (TELES, 2006).

Tal pensamento foi rompido pelo filósofo René Descartes (1596-1650), com a sua teoria do dualismo psicofísico que, por sua vez, fazia a distinção entre corpo e mente, uma vez que “a mente não tem as características daquilo que é físico e suas atividades são raciocinar, conhecer e querer” (TELES, 2006, p. 10).

Com o nascimento da psicologia como uma ciência autônoma, no ano de 1879, em Leipzig, e com a criação de Wundt do primeiro laboratório dedicado aos estudos psicológicos, a psicologia ganha status devido aos cientistas se dedicarem de forma experimental a essa ciência.

Com isso, no início do século XX, há o aparecimento das escolas psicológicas: Estruturalismo, Funcionalismo, Behaviorismo, Gestaltismo e Psicanálise. A psicologia, neste momento, passa a se preocupar com o homem, diferente de qualquer outra ciência.

Segundo Teles (2006), a psicologia procura compreender o homem e seu comportamento para facilitar a sua convivência com os outros, além das experiências de vida, e os processos mentais, perpassando pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem e inteligência.

No Brasil, as ideias psicológicas estão presentes desde o período colonial, sendo encontradas em obras de autores brasileiros consagrados em várias áreas, dentre elas a medicina, moral, teologia, política, arquitetura e outras áreas afins. Observa-se que há uma preocupação quanto à definição de objetos e de alguns métodos do conhecimento psicológico, sendo notadas três ordens principais de fenômenos: a emoção, a sensação e os fatos psicopatológicos.

Nestes escritos encontram-se preocupações de cunho prático, sendo direcionadas para a terapia e para o controle da conduta dos indivíduos, já aplicáveis nas questões educacionais, sendo localizada nestes escritos a prática dos jesuítas, desenvolvida pelos mesmos com os nativos brasileiros.

No Brasil, na época da República Velha, havia a utilização de conhecimentos e práticas consideradas próprias da psicologia, como o uso de testes psicológicos. Neste período a demanda de profissionalização deste segmento aumentava as primeiras preocupações com a formação e o credenciamento de cursos que pudessem realmente preparar esses profissionais (CRUCES, 2006 apud ALMEIDA, 2006).

Embora a psicologia seja uma ciência autônoma, no Brasil, o reconhecimento da profissão se deu apenas no dia 27 de agosto de 1962, tendo como função a utilização de métodos e técnicas psicológicas com o objetivo de dirigir serviços de psicologia em órgãos públicos, autarquias, paraestatais, de economias mistas e particulares. Também tem a função de ensinar as cadeiras ou disciplinas de psicologia nos vários níveis de ensino, supervisionar profissionais e alunos em trabalhos teóricos e práticos, assessorar tecnicamente órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares, além de realizar perícias e emitir pareceres sobre a matéria de Psicologia (LEI nº 4.119, art. 4º, 1962).

A Psicologia tem se desenvolvido muito, tanto no âmbito da ciência, estudando o comportamento humano e seus processos mentais, como no âmbito profissional, desde a sua regulamentação até os dias atuais, aplicando os métodos e técnicas exclusivas.

Dentre várias abordagens e escolas de conhecimento a psicologia tem, nos últimos anos, se inserido em várias áreas. Antes, apenas conhecida pelo seu modelo clínico, a psicologia tem tomado vários campos de atuação, dentre eles a psicologia ambiental, a psicologia forense, a psicologia social, a psicologia organizacional, a psicologia educacional, a psicologia comunitária, dentre outras. Com isso, a psicologia tem ocupado uma posição mais evidente dentro da sociedade. Antes, os psicólogos tinham sua prática mais pautada em clínicas particulares. Hoje, encontramos os psicólogos inseridos em diversos campos de atuação e estudando os mais diversos problemas urbanos e sociais.

Este trabalho abordará a psicologia nos meios educacionais mais voltados para a prática do psicólogo dentro das universidades, inserido em núcleos de apoio e assistência à comunidade acadêmica.

Segundo o Catálogo Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho (2002), o psicólogo educacional atua realizando pesquisas, diagnósticos e intervenções psicopedagógicas em grupos ou individualmente. Procede ao estudo dos educadores e ao comportamento dos alunos em relação ao sistema educacional, às técnicas de ensino empregadas e àquelas a serem adotadas, baseando-se no conhecimento dos programas de aprendizagem e das diferenças individuais, colaborando no planejamento de currículos escolares e na definição de técnicas de educação mais eficazes, a fim de uma melhor receptividade e aproveitamento dos alunos e a sua auto realização (PORTARIA MINISTERIAL n°. 397, 2002).

O psicólogo educacional se detém ao uso de técnicas psicométricas, avaliação psicológica, precedida pelas ideias de Francis Galton, na Inglaterra; Binet, na França; e James M. Cattell, nos Estados Unidos. Eles identificavam o surgimento e a consolidação de uma psicologia voltada para os processos educativos desenvolvidos no interior da escola. Essas ideias foram exportadas para outros países, dentre eles o Brasil (CORREIA; CAMPOS, 2004 apud YAMAMOTO, 2004).

No Brasil, as raízes da Psicologia Educacional se encontram atreladas aos trabalhos sistematizados dos Padres Jesuítas, tendo por vista a catequização dos índios, em que já se identificava uma produção de interesse psicológico, referente a fatos do cotidiano brasileiro.

Atualmente, a psicologia aplicada à educação passa a figurar como um das áreas pouco procuradas pelos estudantes e profissionais, pois a formação de professores e o planejamento escolar, atividades exercidas pelos psicotécnicos e pelos psicólogos, não são mais tão comuns nos meios escolares e na literatura das áreas pedagógicas e psicológicas

(CRUCES, 2006). Isso se deu pela postura de um modelo clínico aplicado nos ambientes escolares por psicólogos que mantinham um lado mais tradicional da psicologia.

Nas universidades encontramos a psicologia inserida em várias áreas, desde a organizacional, gerenciando setores e departamentos, até em meios de assistência estudantil, frisando os trabalhos psicopedagógicos.

Focalizando nos meios da assistência estudantil, encontramos setores, laboratórios e núcleos de apoio psicológico, realizando trabalhos com toda a comunidade acadêmica de forma sistematizada: discentes, docentes, diretores de cursos, escolas ou departamentos, e por fim com famílias. Estes mesmos atores do processo de ensino e aprendizagem, como também propulsores e mediadores de questões psicológicas, estão ligados à subjetividade humana a todos os envolvidos neste universo nomeado de universidade.

Dentre o trabalho do psicólogo na assistência estudantil está o atendimento individual, a qualquer instância acadêmica, onde são trazidas questões de ordem subjetiva, que busca acolher, aconselhar e orientar essas demandas. O atendimento individual pode ser de forma espontânea ou encaminhada pelos diretores de departamentos ou escolas, com o objetivo de um acompanhamento a questões urgentes ou emergentes dentro dos cursos de graduação.

O psicólogo, dentro da universidade, também tem a possibilidade de trabalhar nos processos de relação entre professores-professores, professores-alunos, professores-diretores, alunos-diretores, enfim, sendo um mediador dos processos de relação interpessoal de toda comunidade acadêmica, podendo ter um foco de trabalho coletivo ou individual.

Em meio a inúmeras atividades que podem ser realizadas, destaca-se a socialização de novos docentes dentro do espaço acadêmico, promovendo atividades de interação e acompanhamento na chegada de novos profissionais, e concomitante a esta atividade, a realização da socialização com os discentes, a fim de possibilitar uma melhor adaptação ao ambiente, muitas vezes diferente dos antigos espaços educacionais frequentados pelos alunos.

No dia a dia da atividade do psicólogo também se faz necessário o levantamento de demandas com os diretores de cursos, docentes e discentes, a fim de propor atividades de intervenção nos cursos de graduação de forma coletiva e eficaz.

Outra atividade a ser realizada é o incentivo, como também o acompanhamento dos representantes de turmas, promovendo oficinas, capacitações e apoio, já que os mesmos, muitas vezes, são uma peça fundamental na mediação entre os alunos e diretores.

A atuação do psicólogo educacional, segundo Correia & Campos (2006), perpassa por uma análise institucional e por uma verificação nos aspectos institucionais, nas relações

entre os componentes, o cotidiano das salas de aula, o cotidiano da instituição, os comportamentos influenciados pelo sistema, o organograma, a relação entre os familiares e a instituição, a fim de ter uma visão geral dos processos subjetivos e intersubjetivos. Com isso, é possível compreender melhor os fenômenos na sua esfera interdisciplinar, com um olhar e uma reflexão crítica e autocrítica, definindo melhor os objetivos.

O psicólogo também pode aliar sua prática à formação de políticas institucionais, dentre elas a política de acessibilidade e inclusão. Como outras atividades, o psicólogo pode ser um consultor da comunidade acadêmica, como também um orientador e professor, promovendo atividades de seleção de pessoal, desenvolvimento organizacional e incentivo às pesquisas.

O PEDAGOGO

Escrever sobre pedagogia é recorrer à multiplicidade. Intitula-se de licenciatura plena, pois abrange uma gama de funções e áreas de atuação que esse profissional pode desenvolver. Primordialmente a pedagogia está aliada com o ensino, a sala de aula e os ambientes que constituem a escola, tendo como seu principal elemento a educação, visando garantir aprendizagens significativas. De acordo com Rogers (1988), a aprendizagem significativa é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma mudança, quer seja no comportamento do sujeito, na direção futura que propôs ou nas suas ações e personalidade. É uma aprendizagem intensa, que não se restringe a um acréscimo de informações, mas que se adentra intensamente em todos os elementos da sua vivência, sendo então a pedagogia encarada como a teoria e prática da educação. A respeito dessa conceituação do que seria a pedagogia, Libâneo (2001) nos diz que:

Há uma ideia de senso comum, inclusive de muitos pedagogos, de que Pedagogia é o modo como se ensina, o modo de ensinar a matéria, o uso de técnicas de ensino. O pedagógico aí diz respeito ao metodológico, aos procedimentos. Trata-se de uma ideia simplista e reducionista. (LIBÂNEO, 2001, p. 21).

Analisando a citação, pode-se constatar que essa é a realidade de muitos profissionais da educação. O reducionismo para uma atuação que se limita em dar boas aulas ou não, apoiando suas práticas em metodologias sem flexibilidade e inovação, presos a modelos de planos de aulas estanques e repetitivos. Verdadeiramente, a pedagogia se ocupa desses processos metodológicos, mas, além disso, ela está aliada a uma diretriz orientadora da ação educativa. “O pedagógico refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa” (LIBÂNEO, 2001, p. 22).

O agente dessa ação educativa é o pedagogo, profissional que não deve estar somente associado à dimensão prática e nem somente à dimensão teórica. O mesmo lida com fatos, estruturas, contextos, situações referentes à prática educativa em suas modalidades e manifestações. Para explicar melhor, analisemos a conceituação trazida por Houssaye (1996):

Ele [o pedagogo] deve estar entre os dois. A ligação deve ser ao mesmo tempo permanente e irreduzível, porque não pode existir um fosso entre a teoria e prática. É essa abertura que permite a produção pedagógica. Em consequência, o prático em si mesmo não é um pedagogo, é mais um utilizador de elementos, de ideias ou de sistemas pedagógicos. Mas o teórico da educação como tal também não é um pedagogo; pensar o ato pedagógico não basta. Somente será considerado pedagogo aquele que fará surgir um “mais” na e pela articulação teoria-prática na educação. Tal é a caldeira da fabricação pedagógica. (HOUSSAYE, 1996, p. 7)

Portanto, o pedagogo não deve se constituir somente como teórico ou prático, pesquisador ou docente. A identidade do pedagogo é a ação pedagógica, sendo um agente múltiplo, operando na sala de aula, família, meios de comunicação, movimentos sociais e empresas. Nesta análise, o pedagogo é o profissional que articula a emancipação do sujeito em tempos - espaços escolares e não escolares - mensurando uma articulação que debate uma educação voltada aos processos de qualidade educacional. Em se tratando de uma universidade, como se configura a atuação desse profissional?

No início desse artigo tratamos da universidade como um berço de diferenças, como o universo de pessoas e particularidades que juntas compõem o ambiente coletivo de ensino, aprendizagem e relações sociais. Nesse ambiente, o pedagogo atua ativamente na assistência a discentes e docentes.

Quanto aos discentes, as demandas vêm das mais variadas formas, caracterizando-se, principalmente, por alunos com dificuldades de aprendizagem, que precisam construir um cronograma pedagógico bem fundamentado ou de uma escuta individualizada, como também em ações coletivas de esclarecimento e sistematização dos estudos.

No que diz respeito aos docentes, atua ativamente em capacitações pedagógicas, em organizações de fóruns pedagógicos e em apoios individuais em eventuais questões que dizem respeito às metodologias, didática e relacionamento professor-aluno. Colabora também com a direção e o corpo docente da universidade na elaboração de diferentes projetos e reuniões, tendo também um olhar pedagógico no processo seletivo dos docentes, participando de forma que o ingresso desses profissionais contemple as diversas modalidades de aprendizagem esperadas pela instituição.

QUEBRANDO AS DICOTOMIAS

Em se tratando de ciências distintas, cada uma com suas especificidades, a psicologia e a pedagogia, no ambiente universitário, devem estar aliadas a fim de garantir uma ação psicopedagógica efetiva. Vigotsky (2004, p. 9-10), a respeito desses dois campos de atuação, revela que “a pedagogia e a psicologia caminham lado a lado, e de modo algum a primeira foi extraída da segunda. Ambas se equivalem e nenhuma se subordinará a outra”.

Dessa forma ambos profissionais trabalham coletivamente, realizando ações de apoio psicopedagógico, através de atividades de socialização com professores e alunos, levantando as demandas com as direções de cursos, propondo intervenções acerca dessas demandas, realizando capacitações, oficinas e treinamentos pedagógicos, incentivando atividades científicas juntamente com o corpo docente, realizando atividades com representantes de turma e ações de escuta e encaminhamentos de demandas específicas.

A função do psicopedagogo no atendimento psicopedagógico no ensino superior é auxiliar nos processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, orgânicos e pedagógicos do discente, oferecendo suporte, atuando sobre os múltiplos fatores que possam estar interferindo no seu desenvolvimento integral, nas questões ligadas a aprendizagem. Também oferece subsídios para que os docentes trabalhem com os alunos em sala de aula, assumindo transformações necessárias, buscando sempre soluções apropriadas às demandas emergentes.

A psicopedagogia vem, então, contribuir no aspecto que diz respeito à modalidade de aprender e de ensinar, incentivando a autonomia e a subjetividade do aprendiz que constrói seu conhecimento articulando-o à sua prática profissional.

O psicopedagogo trará para o mundo vivencial e experimental do aluno formas criativas para desenvolver questões de autoestima, segurança, criatividade, maior autonomia, habilidade em tomar decisões, flexibilidade no pensamento, maior responsabilidade para a sua própria aprendizagem, fortificando o seu desejo de aprender e objetivando chegar a um resultado convicto que leve o aluno a ter consciência da sua dificuldade e poder transformá-la. Quanto aos docentes, procura-se atuar na conscientização em estarem mais abertos para a prática acadêmica, sensibilizando-os para as novas metodologias e para uma didática fundamentada em uma aprendizagem significativa e uma avaliação contínua e formativa. Através de escutas, tais sujeitos podem trazer em sua subjetividade suas dificuldades que interferem direta ou indiretamente em sua aprendizagem.

Para Portifilho (1995), a psicopedagogia é uma área de investigação mediadora e facilitadora da aprendizagem e do ensino, tendo em vista um todo integrado, ou seja, uma visão interdisciplinar diante da construção do conhecimento. Atuando através dessa ótica,

psicólogos e pedagogos, coletivamente, constroem, em instituições de nível superior, um espaço de reflexão, apoio e escuta de todos os atores que compõe esse universo múltiplo e complexo que é a universidade, não se limitando em observar a dificuldade dos sujeitos e de forma imediata apontar soluções. Atuam de maneira interdisciplinar com o sintoma, através da escuta, respeitando o tempo particular de cada sujeito, interagindo, assim, com os conceitos pedagógicos e psicológicos.

Fagali (2001) ressalta a grande importância da percepção de todos os seres que se relacionam nesses processos e relações existentes na universidade, compartilhando experiências e saberes, o que possibilitará o desenvolvimento de funções de contato, que são facilitadoras e, ao mesmo tempo, desafiantes para desenvolver as que não são tão evidentes.

A BUSCA DE UMA POSTURA INTERDISCIPLINAR

Partindo da perspectiva do funcionamento de um núcleo de apoio psicopedagógico, ter uma postura interdisciplinar é interagir os conceitos pedagógicos e psicológicos desde seus aportes teóricos até a sua práxis, aliando assim os campos de atuação.

Pensar nesses campos de forma interdisciplinar é ter em mente que o sujeito, inserido nessas esferas, torna-se um construtor de conhecimento e do pensamento. Neste contexto, passa a modificar-se, produzindo novas práticas diante da escuta do indivíduo e de suas multifacetadas implicações.

Corroborando com Japiassú (1976), a interdisciplinaridade faz-se mister a intercomunicação entre as partes, de modo que resulte numa modificação entre as mesmas, através de um diálogo compreensível, uma vez que a simples troca de informações não constitui um método interdisciplinar.

Japiassú (1976) indica dois níveis para um trabalho interdisciplinar. O primeiro nível resulta em um estudo do objeto pelos diferentes olhares, requerendo que os profissionais envolvidos passem a ter uma postura convergente no âmbito dos conceitos e dos métodos. Tal atitude inicial, denominada de pluridisciplinar, faz com que cada sujeito comece a entrar em contato e a se apropriar de outra ciência. O segundo nível é a própria interdisciplinaridade, a qual implica em uma integração no olhar, nos conceitos e nos métodos a serem utilizados. Conforme Japiassú (1976, p. 13), a unidade do objeto não se dá de forma a priori nem a posteriori, pois o objeto real não pode ser apreendido como uma máquina que se pode manipular, tampouco depreendê-lo pela organização dos dados, a partir da investigação científica.

A interdisciplinaridade passa a ser um procedimento no qual há integração em um processo onde se quer “horizontalizar a verticalização, para que a visão complexa seja também profunda, e verticalizar a horizontalização, para que a visão profunda seja também complexa” (DEMO, 1998, p. 88). A partir desta citação, define-se a interdisciplinaridade como a arte do aprofundamento com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo, da particularidade e da complexidade do real.

Sendo então paralela ou relacionada às modificações das estruturas institucionais, às novas relações pedagógicas e a uma nova reflexão sobre as relações universidade-sociedade, a interdisciplinaridade não pode ser vista de maneira isolada. Berger (1972, p. 72), a respeito dessa afirmação, nos diz que

As respostas sejam diversificadas é secundário; o importante é que a análise da atividade interdisciplinar, ou seja, de uma atividade que repousa sobre um conjunto de mudanças (ou de rupturas) de certas fronteiras do saber permite penetrar profundamente no conjunto das transformações da problemática universitária.

Essa prática se torna um conjunto de proposições sobre os fins e as funções da universidade sobre o saber total e não mais seus recortes disciplinares. Constitui-se, portanto, em uma real inovação.

Para uma postura interdisciplinar, psicólogos e pedagogos partem de suas particularidades enquanto ciência, para uma complexidade real e aprofundada frente às demandas emergentes da universidade. Por meio de supervisões e discussões de casos, há um alinhamento na práxis e nos procedimentos a serem direcionados, abrangendo toda comunidade acadêmica.

Japiassú (1976) propõe dois métodos para dar conta da interdisciplinaridade, sendo os mesmos distintos e complementares na prática. O primeiro método volta-se para a orientação de empreendimentos humanos e da história, e que se aplica à procura de um objeto comum aos vários conhecimentos, culminando com a prática, nomeado de Método de Tarefa. O segundo método faz menção à reflexão sobre os saberes já constituídos e cujo objetivo é estabelecer juízo e discernimento, sendo então o Método da Reflexão Interdisciplinar. Deve haver, portanto, conforme cita Pimenta (2005, p. 28): “a criação de uma linguagem interdisciplinar, um reconhecimento de que a universidade só será um espaço científico virado para o futuro quando for também um espaço de cultura e um espaço estético e ético”.

Nesse sentido, a prática interdisciplinar entre o psicólogo e o pedagogo tem uma dimensão pragmática de colaboração e organização de trabalho baseados na integração e na organização dos saberes. A universidade é um espaço de construção, favorecendo as

condições para a promoção da interdisciplinaridade, para a difusão dos seus impactos no ensino-aprendizagem, na mudança do ser e estar docente e discente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto neste artigo e levando em consideração um olhar interdisciplinar, embora focado num trabalho inicialmente separado, a concatenação das ideias faz pensar num contexto interdisciplinar tão defendido pelos conceitos de Japiassú (1976), ratificando a necessidade de um profissional especializado, com olhar diferenciado, diante deste universo chamado universidade. O psicopedagogo se encontra neste processo multifacetado, pois o mesmo pode integrar os fenômenos psicológicos e pedagógicos em prol do melhor processo de ensino e aprendizagem.

O psicopedagogo no ensino superior dá aos profissionais e estudantes a oportunidade da ampliação dos processos de ensinar e aprender, principalmente porque possibilita a maior autonomia dos mesmos, levando em consideração que ainda estamos na prevalência de um ensino tradicional.

Neste contexto, a psicopedagogia tem um papel primordial, possibilitando a abertura para outros métodos de ensino, outras metodologias, hoje já conhecidas como ativas e participativas, e desta forma chegar ao seu real objetivo que é a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte (org.). **Psicologia escolar: ética e competência na formação e atuação profissional**. Campinas: Editora Alínea, 2006.

BERGER, G. Opinions ET Réalités. *In: L'interdisciplinarité: Problèmes d'Enseignement et de Recherche dans les Universités*. Paris: CERI/OCDE, 1973.

BRASIL. **LEI nº 4.119**. art. 4º, 1962. Disponível em: www.portalsaude.net/4119_1962.htm. Acesso em: 23 jul. 2010.

BRASIL. **Portaria Ministerial nº. 397/2002**. Disponível em: www.mtecbo.gov.br. Acesso em: 23 jul. 2010.

DEMO, Pedro. **Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FAGALI, E.Q. (Org.). **Múltiplas faces do aprender. Novos paradigmas da pós-modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editoras Unidas, 2001.

HOUSSAYE, Jean. **Pédagogues contemporains**. Paris: Armand Colin, 1996.

JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MARCOVITCH, Jacques. **A universidade (im)possível**. São Paulo: Futura, 1998.

PIMENTA, Carlos. **Interdisciplinaridade e Universidade: tópicos de interpretação e acção**. 2005. Disponível em: www.fep.up.pt/docentes/cpimenta. Acesso em: 12 dez. 2010.

PORTIFILHO, E. M. L. **A psicopedagogia na Universidade: possibilidades de reflexão e atuação – proposta de institucionalização**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica. Paraná, 1995.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

TELES, Maria Luíza S. **O que é psicologia?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2004.

YAMAMOTO, Oswaldo H.; NETO, Antônio Cabral. **O psicólogo e a escola: uma introdução ao estudo da psicologia escolar**. 2. ed. Natal/RN, EDUFRN, 2004.

NICOLESCU, B. **Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Trion, 1999.